

## SELETA

## JUIZO DA POSTERIDADE (ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA)

## V. Corrêa Filho

À míngua de provas do seu justo valor, pois que os escritos que deveriam servir-lhe de credenciais, jaziam aferrolhados nas gavetas arquivadoras, privados da luz da publicidade, entraram os doutos a discutir a nomeada do malafortunado naturalista, cuja vida se pontilhara de modelares atos de renúncia e alto sentimento do dever a cumprir.

Primeira voz a pronunciar-se, Manoel José Maria da Costa e Sá ainda lhe era contemporâneo e consócio na Academia Real das Ciências de Lisboa, onde lhe proferiu o panegírico, impresso no tomo IV das respectivas "Memórias". Em sua alocução, transbordante de admiração e simpatia pelo inditoso naturalista, foram abeberar-se todos quantos depois versaram o mesmo assunto. Pela amostra que veio a lume, aos fragmentos, avaliaram o acerco desconhecido, que não foi ainda considerado em conjunto.

Sílvio Romero, que lhe lavrou a condenação, para expulsá-lo da história da literatura brasileira, embora reconhecesse a injustiça dos fatores que o mantiveram inédito, e, portanto, incapaz de exercer algum influxo no pensamento nacional, não lhe poupou louvores ao estilo, avaliados pelos excertos que tomou à corografia de Mello Moraes. Provavelmente não lhe manuseou os códices, que lhe proporcionariam mais abundantes elementos de aquilatação.

E menos o fizeram outros, que, para melhormente justificar os gabos, com que proclamaram a excelência intelectual de Ferreira, apelidaram-no de "Humboldt Brasileiro", expressão usada por Varnhagen em seu *Florilégio*.

Entre os seus biógrafos, contam-se dois naturalistas, que tinham autoridade especializada para lhe avaliar o mérito das obras. Mas Barbosa du Bocage, que revelou particularidade até então ignoradas relativamente à missão pilhadora de Geoffroy, não encontrou mais, em Lisboa, os manuscritos alexandrinos que Drummond enviara ao Brasil, e não poderia, pois, opinar acerca de sua valia científica.

Coube a Goeldi examinar-lhe os ensaios publicados e proferir o primeiro julgamento de naturalista consumado, que elegera para campo de

suas observações a mesma portentosa Amazônia, por onde Ferreira jornadaou mais de uma centúria antes. Empolgava-o a mesma ânsia de devassar os segredos da terra misteriosa, onde o seu predecessor penara por extenuante decênio. A semelhança das ocupações despertou-lhe a simpatia de que se embebe todo o ensaio consagrado ao desventurado baiano.\*

Todavia, o século decorrido aperfeiçoara os meios de pesquisas e a sistemática de que se utilizam os sabedores. Os trabalhos de Ferreira afiguram-se-lhe, por isso, deficientes, quando não errados de todo, como ao incluir o jupará (cercoleptes caudivolvulus) entre os macacos noturnos, em vez de rotulá-lo de ursídeo, e bem assim ao emprestar características suínas à capivara.

Provavelmente Goeldi não manuseou a monografia sobre os "mammas", em que Ferreira sistematizou as suas observações zoológicas. Se, antes, o jupará fizera companhia aos símios, ali se colocou mais próximo aos ursídeos, entre a irara e o cachorro do mato. E quanto ao maior dos roedores, se não lhe deu o lugar competente, também não o confundiu de todo com os "taiaçus", dos quais o afastou, para incluí-lo no gen. *hydrochoeris*, em seguida à sp. "tapirus".

Não pretendemos, anotando Goeldi neste particular, atribuir a Ferreira critério classificador, que pudesse prevalecer após análises mais meticulosas de seus continuadores, esclarecidos por novas doutrinas.

Ele próprio, embebido dos ensinamentos do genial sueco, divergia, a espaços, do mestre, para refletir acerca do coati: "Linneu faz consistir a sua diferença, em ser quase fusca, e em ter a cauda de uma só cor. Porém, quanto a mim, semelhante diferença não produz mais que uma variedade".

Em outras passagens, opina igualmente a seu modo, afastando-se do seu guia incomparável. Erraria, sem dúvida, se julgado à luz da ciência atual, mas, para o seu tempo, os enganos seriam perfeitamente justificáveis, embora incorresse, por causa deles, em censura do sábio suíço, que lhe increpou igualmente de inexatos os desenhos, traçados por Freire e Codina, não obstante a excelência do aspecto artístico. Notam-se-lhes desproporções flagrantes, sentenciou, depois de gabar-lhes a aparência.

"De assíduo colecionador, conceituou por fim, deu manifestas provas, mas "o que deixou de manuscritos seus sobre zoologia, botânica, é de pequeno calado científico".

---

(\*) O ensaio de Goeldi sobre Alexandre Rodrigues Ferreira, aqui referido, publicado em Belém do Pará, em 1895, foi há pouco reeditado pela Editora da Universidade de Brasília, com prefácio de Maurício Guilherme Souza Marcos de La Penha, Brasília, 1982.

Por mais temerária que se afigure a intromissão de um leigo em matéria julgada por sábio do quilate de Goeldi, ousamos embargar-lhe a sentença condenatória dos conhecimentos científicos de Alexandre Rodrigues Ferreira, algum dia equiparado, por outrem, a Humboldt. Certo, a tamanhas alturas, em que se laureou de glórias\* o berlinense, não se elevou o baiano, nem a fortuna lhe prodigalizou iguais facilidades a uma carreira vitoriosa.

Seria mais metodicamente desenvolvida a inteligência do outro Alexandre, mas releva notar que, apesar de ter ouvido a Werner em Freiberg, e os professores da Universidade de Goettingen, e percorrido, em viagem de aperfeiçoamento de estudos, os centros intelectuais mais afamados da Europa, não dispensou a companhia de Aimé de Bonpland, com quem transpôs o Atlântico, a bordo do "Pizarro", ao findar o século XVIII.

De Venezuela a Cuba, nos primeiros meses, de Quito ao México, exploraram quanto era próprio de atraí-los a curiosidade, fossem plantas apauladas ou vulcânicos picos andinos, pelos quais marinharam. Mas, em meados em 1804, regressava Humboldt à Europa, com a colheita de quatro anos de peregrinação, menos da metade da permanência de Ferreira no Brasil.

Não obstante, o resultado só se incorporaria integralmente à ciência, depois de dois decênios de porfiados estudos em Paris, onde não lhe faltaram colaboradores do naipe de Cuvier, Gay-Lussac, e outros, mobilizados em cada especialidade.

Mimara-o desde o berço, a abastança, para lhe deixar o espírito livre de cogitações subalternas. Vivera entre sábios, que o animavam e o ajudavam a prosseguir nas pesquisas. Contemporâneo dos renovadores de doutrinas explicativas dos fenômenos naturais, avançara bastante em idade, para sobrancear na velhice verde aos conhecimentos da sua geração, que sintetizou no *Kosmos*, a "epopéia da ciência", consoante a expressão glorificadora de Latino Coelho.

Alexandré Rodrigues Ferreira, ao revez, jamais recebeu auxílio científico de nenhum colega, nem lhe poderiam oferecer algum dos dois "riscadores", que dedicadamente o acompanharam. E no Museu, a manifestação única de competentes visou desvalorizar-lhe o trabalho, conforme depoimento do professor Barbosa du Bocage. Não teve liberdade de ação, adstrito, como se achava, às instruções do Ministro e dos Capitães-Generais, orientadas por finalidade utilitária. Não era um sábio, a cavaleiro de aperturas financeiras, como Humboldt, mas simples funcionário da Coroa, que dele exigia a aplicação do seu saber em assuntos de imediata vantagens. Maravilha até como pudesse, em meio das suas múltiplas preocupações, enfadonhamente burocráticas, coligir achegas para as suas interessantes memórias.

As “participações”, que lhe constituem o “**Diário de Viagem** evidenciam a perda de tempo e de trabalho em cada povoado, por menor que fosse, cujas particularidades esmiuça, feito paciente recenseador de todos os seus haveres e aspectos. Torna-se fatigante a leitura pela opulência de informes, que, nas igrejas, minudenciant até o rol das alfaias e objetos de culto, com a precisa terminologia de sacristão.

O julgador abalizado, aliás, daí deduziu uma das atenuantes a favor do viajante, cujas obras, todavia, não teria provavelmente conhecido, fora das páginas impressas. Destarte, explica-se o julgamento, por ventura excessivo, que proferiu. Se tivesse deletreado os códices alexandrinos, que não sumiram de todo, e se acham reunidos na Biblioteca Nacional, teria certamente abrandado o seu parecer.

A monografia sobre os “**Mammaes**”, a referente à “**Marinha do Grão Pará**”, à “**Agricultura**”, às “**enfermidades endêmicas**”, a que trata do Rio Negro, do Madeira, a defesa dos direitos portugueses às terras do Norte, seriam suficientes para alicerçar a nomeada de um ecólogo, ainda mesmo que desaparecessem as memórias de menor tomo e até o **Diário da viagem**, a exemplo do que sucedeu com as suas observações botânicas.

Maior não seria a bagagem legada por Azara, que, pela mesma época, explorou as regiões platinas, especialmente o Paraguai, onde penetrou em princípios de 84, com os conhecimentos adquiridos na Academia Militar de Barcelona.

Apesar do gênio irritadiço, que lhe atribui André Lamas, mereceu os gabos com que o general Mitre lhe lembrou o concurso para o devassamento do vale paraguaio. “O nome de Azara, conceituou o polígrafo argentino, vinculado perpetuamente ao Rio da Prata, é uma glória universal, mas o é principalmente das regiões, às quais consagrou vinte anos de trabalhos e de meditações, inspirado pelo amor da ciência, pelo culto da verdade, pelo interesse que lhe inspirava a condição futura daquelas regiões”.

Mais incisiva ainda é a opinião de Martin de Monssy, ao tratar da **Description géographique et statistique de la République Argentine**, em 1860: “Azara foi o primeiro homem que seriamente tratou da história física do Rio da Prata, e os resultados das suas viagens, publicados em Paris, em 1804, foram uma verdadeira revelação sobre essas regiões. Ele escreveu a sua zoologia quase completa, e as suas observações sobre as tribos indígenas foram as mais exatas até então publicadas. A história natural, a economia política e social, tudo foi tratado por ele e o seu livro foi, no fim do século XVIII, o repositório mais minucioso, mais instrutivo e mais prático da América do Sul”.

Substitua-se Rio da Prata pela Amazônia, Azara por Alexandre Rodrigues Ferreira e continuará ainda verdadeiro o conceito elogioso. Com

veatória restrição, porém. Azara teve a satisfatória recompensa de ver as suas obras impressas em Paris, ao tempo em que lá estava, de regresso, Humboldt, ao passo que o malaventurado viajante baiano, operosíssimo em suas indagações, que espalhou por dezenas de ensaios preciosos, finou-se desesperançado de obter-lhes a impressão, e decorrido quase século e meio após sua peregrinação científica, ainda permanece inédito.

Raros lhe terão manuseado as principais monografias, em que enfeixou sugestões acerca da geografia botânica, da influência do "habitat" sobre o homem, da indolência tropical, da necessidade imperiosa de metodizar os trabalhos agrícolas e navegação indispensável à conquista verdadeira da terra. Avulta, feito sagaz antropogeógrafo, antes de sistematizada a antropogeografia. Certo, não se apresilhava aos preceitos da arte da composição. Os escritos, em geral, transbordavam da calha, em que se lhes moldou o título, tamanha era a opulência das idéias, que lhe explodiam da mente fecunda.

Ninguém irá, sem dúvida, orientar-se na atualidade pelas doutrinas e classificações, que, aceitáveis, talvez, naquela época, perderam depois o seu prestígio. Mas, valiosas observações, que ousou exprimir, ainda hoje serão acolhidas com vantagem. O próprio excesso de minúcias, que derramou pelo seu *Diário de Viagem*, um dos raros escritos que vieram à lume, e ainda assim, às prestações, em revista periódica, vale como exato painel debuxado por miniaturista sagaz\*. A sua admirável erudição põe-se de manifesto a cada passo, ao estudar as questões que lhe interessassem de momento.

Quanto aos sentimentos escravocratas, de que lhe fazem carga, aceitou, é verdade, o instituto do cativo dos africanos, empolgado pelas convicções generalizadas dos contemporâneos, com as quais não rompeu. Mas, em compensação, de quanta piedade humana se embebem os seus ensaios, ao profligar os abusos de que eram vítimas os índios, que a legislação protegia, mas a realidade condenava a trabalho forçado, quando não ao extermínio. Procurou conhecer-lhes as particularidades do viver selvagem, e com tanta simpatia, que lhes estudou o bronco linguajar, ao qual se recorre oportunamente.

Desprovida de artificialismos, tão em moda, a sua linguagem deu foros de cidade a brasileirismos sem conta, que Vale Cabral pretendia recensear, esmando-os em mais de dez rnil. Não se realizou, que nos conste,

---

(\*) De fato, os diários de viagem do naturalista foram publicados "às prestações, em revista periódica", nos *Anais da Biblioteca Nacional*, vols. 1, 2 e 3, por iniciativa de Alfredo Vale Cabral. Posteriormente, apareceram nos tomos 48 a 51, da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, de 1885 a 1888. Quase um século depois, graças a Edgard Cerqueira Falcão, publicou-se sob os auspícios do Ministério da Educação e Cultura, o volume primeiro da *Viagem Filosófica às Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*, 1970.

o projeto anunciado pelo douto bibliógrafo nos **Anais da Biblioteca Nacional**, mas incontestável é que proporcionaram os escritos de Alexandre Rodrigues Ferreira colheita opima aos forrageadores de locuções e vocábulos de cunho brasileiro.

Quem tanto se consagrou abnegadamente ao melhor conhecimento do Brasil, bem merecia ter a memória aureolada de homenagens condignas. Entretanto, além da justiceira iniciativa de Freire Alemão, que lhe insculpiu o nome esquecido no gênero de plantas **Ferreirea**, consoante comunicou a Goeldi o dr. Paubert, então diretor do Real Museu Botânico de Berlim, raras são as manifestações enaltecedoras da memória do sábio inditoso. Apenas, o Museu Nacional instituiu, em 1929, por deliberação dos seus professores, o prêmio "Alexandre Rodrigues Ferreira" destinado às crianças menores de onze anos, que se apresentassem ao concurso de desenho infantil naturalista, conforme nos teve a gentileza de informar o seu então eminente diretor, E. Roquette Pinto, em resposta ao questionário que lhe endereçamos. Por mais que nos esforçássemos nas indagações, nada mais lobrigamos a respeito.

A conspiração do silêncio que, em vida, lhe ocultou à luz da publicidade os ensaios magistrais, ainda continua, transcorrido mais de um século após sua morte, a abafá-los no mesmo sombrio isolamento que os desvaloriza.

(**Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro**, p. 185-193. São Paulo, Editora Nacional, 1939. Coleção "Brasiliana", v. 144).